

**PET**  
**CAÇADORA DE RECOMPENSA**

***No começo de 2025, milhares de cães e gatos, entre outros PETS, estavam desaparecidos no Brasil. Centenas de voluntários e especialistas se envolvem no resgate a esses animais, utilizando de tecnologia e métodos complexos de investigação -e algumas pessoas até buscam ganhar alguma recompensa por localizar ou fornecer pistas aos tutores.***

***Esta é a história de uma delas.***

## **1 - Londrina, tempos atuais**

A calçada multicolorida era um convite para ficar admirando as vitrines, um luxo só, em contraste aos postes de iluminação, republicanos enferrujados e cheios de colagens. Mas ninguém ligava para isso e Pet apenas arregalou os olhos para o tênis, voltando-se imediatamente para o reflexo do cartaz no poste logo atrás: gato desaparecido na Avenida Paraná.

Antes, o olhar passou de raspão pelos espelhos da loja ao fundo do poste, no outro lado da rua, onde uma pessoa parecia estar sendo atropelada por um carro que invadiu a calçada -mas o que importava estava logo atrás.

Quase o pescoço girou 180 graus com a Pet dando três passadas até se aproximar do letreiro recém fixado informando que Fondue, um gato vira-lata estava sumido havia dias. Informações ao telefone tal, e recompensa de R\$10.000,00.

“Dez mil???”. O valor ativou o que já estava vivo na mente de Petra, conhecida Pet, que vinha se notabilizando por localizar animais de estimação na cidade grande.

-A senhora leu o cartaz?

-Sim, respondeu Pet ao conversar com a pessoa, cuja voz parecia ser de uma mulher de idade, que atendeu ao telefone informado no cartaz.

-Então, leia de novo.

-Só quero confirmar se ainda estão pagando os 10 mil pelo gato...

-Sim, a recompensa é essa mesmo mas leia todo o cartaz, por favor, e depois me ligue.

Pet pegou a foto que fez com o celular, ampliou as fontes menores e leu o seguinte: “Fondue faz tratamento contra o câncer, foi presenteado à dona, cadeirante, no aniversário de 13 anos”.

-Por que o nome dele é Fondue?

-Tem a cor de chocolate.

-Eu acho que posso encontrá-lo. Pagam os 10 mil?

-Você leu o cartaz?

-Li. Já encontrei outros animais doentes e com famílias sofrendo limitações, respondeu Pet, de modo sofisticado.

-À vontade. E desligou.

Três meses depois, lá estava ela à frente do casarão, na verdade um sobradinho de fachada cheia de detalhes. Londrina, a cidade do silêncio, agora estava quieta de verdade, e seus prédios que jogam gotas de aquarela no Igapó prestavam atenção em algo que estava para acontecer.

Pet estava lá, sempre com a impressão de já ter visto aquele lugar “em algum lugar”. Estática, ficava a pensar que sabia pouco da natureza humana, que a mentira é um insumo das estratégias perversas e que idade não dita o caráter. De dentro sai um policial com o gato nos braços quando vários homens e mulheres, alguns de muleta, outros em cadeiras de roda, apenas observavam. Velhinhos, é provável que nada entendiam do que acontecia naquele momento -ou não?

Quando os olhares da Petra e de um idoso se cruzaram um fio de revelação permeava o ambiente mas não era só isso.

O Fondue foi encontrado porém um mistério persistia...

Ao adentrar o abrigo, Petra admirava as paredes, sistematicamente cobertas por papel de cores pastéis, destacando-se o rosa -ou pink, a cor da sorte de Jão (assim mesmo: Jão) o namorado que havia algum tempo não o encontrava. O pink a lembro que se conheceram em um fórum de discussão sobre uma série de TV que ambos adoravam. Após meses trocando mensagens e descobrindo que tinham muito em comum, decidiram se encontrar pessoalmente. O primeiro encontro foi na praça de alimentação do maior shopping da cidade e a conversa fluiu tão naturalmente que parecia que se conheciam há anos.

Gostavam de animais na mesma proporção mas a intimidade revelou no rapaz a patologia que afeta milhões de pessoas ao redor do mundo: a impossibilidade de manter a todos em boas condições. Eram vários gatos, cachorros... Petra nunca chegou a vê-los todos juntos mas esporadicamente Jão surgia com um e outro animal que, pensava ele, estava a criar.

Os bichos não tinham boa condição física no geral e a justificativa era a mesma de sempre; "achei abandonado".

-Como é o nome desse -perguntou Pet. .

-É ela: Pink.

Um estalou trouxe Petra à realidade, bem à frente da parede pink. Já ia saindo quando, de relance, viu a foto em preto e branco de um mercado antigo. "Parece que já isso", pensou, desdenhando a imagem que poderia tratar-se de déjà vu.

II -

Enquanto alimentava Nonato no jantar, lia as mensagens. Uma delas mostrava o conversor de contos de réis para real. A Loja Numismática não era longe dali e melhor uma apresentação presencial do que possibilidades via messenger.

Soube então que uns tais papéis não haviam prescrito 84 anos depois e que apenas a conversão, sem o valor histórico, poderia render uns 200 mil reais.

-Huuuummm -pensou Petra, deliciando-se com a possibilidade de pegar na bolada cujo volume só viu nos seriados pelo celular.

## **2 - Bichos e bichos**

Deitada no sofá, o estofado que cheirava a snakes e ruffles, Pet, como sempre mirava fixamente o teto, olhava o velhinho na cadeira de rodas, considerava que estava tudo bem e ia traçando o que considera inteligência tática para alcançar o dinheiro.

Afinal, grana é o que importa.

O velho nada falava mas a moça se comunicava com ele via interjeições visuais e malabarismos faciais. Há uns dez anos ele começou a contar a história de uma festa em um mercado no Acre, onde viveu meio século e ainda não era possível saber se o relato fora concluído.

Pet às vezes matutava sobre as histórias que giraram em torno da festa, um almoço das galáxias -nada visto na mitológica vila até então, segundo o velhinho, seu avô Nonato -o Nono, para ela que tanto gostava de apelido que alocou um para si: “de Petra para Pet”.

Mas aí veio à mente a imagem de um sujeito sendo arremessado por um carro e lembrou o que tinha visto na rua. Curiosa que era, decidiu voltar à cena da ocorrência e aproveitar para ler o cartaz conforme a dona havia recomendado ao telefone.

Não era tão longe e, de bike, chegou rapidinho ao local que apesar da multidão e o barulho de veículos, luzes como em um palco de espetáculo, a sensação na real era de solidão.

“Você viu alguma coisa? meu avô foi atropelado não tem muito tempo. Está no hospital e nem foi socorrido. O motorista fugiu” -alguém falava a ela que, ao virando-se, viu que se tratava de um jovem de cerca de 13 anos, magro e cabelos por cortar.

-Não vi não... disse PET, tomando o rua do outro lado rua que, costumava lembrar das histórias de Nonato, cheirava a miséria e fome em meio à suntuosidade de suas lojas. Neste como naquele tempo a podridão mesmo era de caráter e as ruas, como num fenômeno químico, apenas emanavam a fedentina bem trajada.

Quando olhou para vitrine novamente, viu o reflexo do poste, o cartaz, os espelhos ao longe e uma luzinha vermelha piscando. Estava logo à sua frente: era uma câmera.

Dali, Petra teve um insight e enviou mensagem para tirar uma dúvida. “Pluuup”, sinalizou a chegada da resposta. “Batizei meu companheiro de Fondue por causa das cores: de um lado, achocolatado e, de outro, branco como queijo. A cor chocolate prevalece, no entanto”. Então, ela pensou: “qual preferir: fondue de chocolate ou de queijo?”.

E saiu rindo...

### **3 - Provas**

Em casa, o velho fitava a parede inócua e sem sentido porém em seu olhar um filme se passava e para Pet nem era tão difícil interpretar o enredo do avô.

Melhor dizendo: do olhar do avô. Profundo, não sereno, tardio, insistente... o que aconteceu naquele almoço, quem eram aquelas pessoas que se penduravam nas janelas do tal mercado que ele tanto relatava? Há um momento em que para a neta era apenas uma turba de famélicos, que nunca havia sequer sentido os cheiros e aromas de uma boa refeição.

Se em algum momento cochicharam no ouvido do avô, o que foi dito? “Eu mesma nunca saberei. É sobre gente que já morreu há quase 100 anos...”.

Nono falava de um rosto de menina, aquela com quem, muito tempo depois, se casaria em um distante e misterioso seringal. “É a vó, vô!”, dizia, desafiando a memória do idoso.

A única prova do almoço é uma cópia de uma foto de uma mesa comprida ao redor da qual se sentavam uma maioria de homens bem vestidos e pose de soberba. Porém, alguém decidiu fotografar a multidão nas janelas, eternizando a imagem da miséria.

Não havia janelas e se estas não existem na foto impossível confirmar que a ventilação foi cerradas pelas dezenas de adultos e crianças ali penduradas.

Um dia, o velho disse: “tinha delas que estendiam as mãos implorando alguma sobra”.

Uma zoeira na vizinhança acabou por, vamos dizer, despertar a moça: “bóra ver a história da câmera”.

Nonato suspirava quando a neta punha em sua mãos trêmulas o retrato P&B, meio apagado, de um acontecimento em que aparece a menina que viria a ser sua esposa.

Eram ribeirinhos, moravam em comunidades vizinhas na floresta amazônica, separados apenas por uma curva do rio.

Essa curva fazia com que as viagens de barco parecessem eternas. A pouca distância se tornava uma jornada de horas e horas nas visitas praticamente anuais de parentes.

Contudo, a chegada de um mercado construído em alvenaria na cidade tomada por palhoças e toda sorte de imundícies a céu aberto indicava que a modernidade rondava aquelas plagas, até então totalmente isoladas.

Um dia, apareceu no seringal um sujeito bem trajado se declarando dono daquelas terras. Apresentou papéis amarelados a pretexto de provar a propriedade, os locais quase compreendiam, convocaram ajuda do professor que passava de vez em quando nas colocações para ensinar alguma coisa às crianças e deu-se início a um conflito.

Depois daquele almoço de grã-finos, não foi possível o retorno imediato à comunidade e de lá chegavam notícias de casas incendiadas, ataques de “índio brabo” e muitas histórias de barbárie imposta não se sabia bem por quem mas voltar agora seria expor as crianças e mulheres a uma situação que poderia realmente ser difícil, acrescentando martírio à rotina de vida na mata.

A intensidade dos desafios levou Nonato a uma escola, terceira dos prédios em alvenaria fora o mercado e o quartel da guarda militar, onde acabou aprendendo muita coisa, conheceu pessoas e, tendo ido morar em casa de parentes, desenvolveu algumas habilidades como mecânico. Já era rapaz quando fizeram uma convocação de trabalhadores para montar uma ponte em ferro que estava por chegar da Europa. No entanto, o navio confundiu nomes e acabou atracando no litoral Sul do País, para onde foram enviados trabalhadores, entre eles o Nono, em missão de avaliar a estrutura e acompanhar o transporte até a Amazônia.

As viagens eram tão demoradas que quando os acreanos chegaram ao Paraná, a ponte estava quase totalmente instalada sobre um rio estreito porém caudaloso. Aparentemente, todos os papéis indicavam que seria ali mesmo a montagem da ponte dadas as enormes e incontestáveis coincidências.

Nonato acabou ficando por ali, trabalhando ora no litoral, no interior, nas montanhas... Quando menino plantou guaraná com o pai e, no Sul, tomou gosto pelo café, fixando residência na região mais ao norte. Londrina era uma importante referência.

A cidade pulsava com a chegada de gente de toda parte do País, os nordestinos, e do mundo: centenas de japoneses resolveram ali viver e criar suas famílias. Não demorou muito e o mochi, uma gostosura que os vendedores só citavam o feijão como ingrediente, tomou as ruas da cidade, exposto em tabuleiros ou carrinhos de ambulantes.

Quando Maria José chegou, já estavam casados, ela e o Nono. O tempo foi cruel demais, e as fatalidades foram separando a família, e pouco se sucedeu na vida de Nonato senão tristeza e solidão. Mas ele era forte, estabeleceu vínculo com a neta, Petra, único familiar que lhe restara, e com ela esteve o resto da vida.